



*A Trombeta escutai dos Luxitanos,  
E se rouca tocar... tremei Tyrannos!*

O TROMBETEIRO.

## A TROMBETA LUZITANA.

*Ou Cezar, ou João Fernandes.*

” **A**Gora, ou elles, ou nós os Constitu-  
” cionaes: já não ha meio termo; nós fo-  
” mos os provocados, quando a ninguem  
” ofendia-mos, e só tratava-mos de nos li-  
” vrar da constante desgraça a que nos re-  
” duzia o governo absoluto, e despotico; e  
” que nos governão por direito divino, nos fi-  
” zerão constantemente desgraçados, e ago-  
” ra ainda nos acometem, quando transigia-  
” mos com elles; *pois desfaçamo-nos delles,*  
” *e vamo-nos remediando com os que gover-*  
” *não por direito humano* “ Palavras do De-  
putado Borges Carneiro, na Sessão de 11  
do corrente.

Esta doutrina não he nova. Bruto a proclamou no Senado Romano, quando Roma se desfez de seus Reis, pela deposição do ultimo Tarquinio; e seus écos que o tempo não teve força de apagar, forão passados tantos seculos, repetidos em 1793, na Assembleia Constituinte da exaltada França. Porem nós os Portuguezes, que andamos seculos atrazados de toda a Europa, ainda agora tivemos a fortuna de a ouvir enunciar pela boca de tão prudente varão! *Pois desfaçamo-nos delles.* Oh! que consumado patriotismo! que puro liberalismo! Eis aqui a gema de todas as ideas liberaes! *Pois desfaçamo-nos delles.*

Sim Senhor *desfação*; porque já agora dalli a nada, nada vai; aonde o mais não existe, não exista o menos: acabem,

com isso por huma vez..... e ficão descansados. Se todos os homens tivessem abraçado tão brilhantes ideas, já ha muito que não existiria na terra huma testa coroadada; e então serião felices os povos, e nada lhes faltaria; porque se hirião *remediando com os que governão por direito humano*, segundo nos diz o Sr. Borges Carneiro.

Que direito mais humano, que o do Senado de Roma, em quazi todas as épocas da sua duração? Que justiça, que equidade não presidio sempre ás deliberações daquelles *Padres Conscriptos*? Oh! se os sons desta Trombeta tivessem a virtude daquelles da pavorosa Trombeta final, nós lhe fariamos agora soar estes, *Russuscita Povo de Reis, conta o que viste!* Que dirião então os Scipiões, os Metellos, os Pompeus, os Cicerus, e tantos outros? Que diria todo esse Povo sempre calcado, e sempre escravo de tyranos, e orgulhosos Senadores? Ah! e se no meio d'elle ressuscitasse tãobem o Uzurpador Jugurtha, que nova justiça não faria elle a essa integerrima, e incorruptivel Roma? Desenganemo-nos, nada ha mais infalivel, justo, e suave que hum Senado de muitos; fação elles o que fizerem, digão o que disserem, tudo he bom, tudo he o melhor, com tanto que seja tudo feito, e dito em nome da liberdade, e do Povo! Assim a capa do poderoso magico tomava diferentes formas, e servia a todos os corpos. Com hum Senado como o Romano, o Povo não he escla-

vo, nem sofre as deshumanas vexações, que se experimentão pelas mãos dos Reis: *Pois desfaçamo-nos delles.*

João 2.<sup>o</sup>, Manoel, e José 1.<sup>os</sup>, Henriques 4.<sup>os</sup>, Pedros Grandes, Luizes 14, Josés 2.<sup>os</sup>, Fredericos 2.<sup>os</sup>, Carlos 12, vós não fosteis senão despotas, e imbecis, que usurpasteis a Soberania aos Povos, para os calcar, e reduzir á miseria; os vossos reinados o atestão, e serão sempre desprezíveis aos imparciaes olhos da grande sociedade liberal do seculo 19. Esses poucos, e insignificantes monumentos da vossa existencia, estão de todo confundidos no meio da immensidade, e grandeza dos modernos, que o genio emprehendedor do liberalismo tem por toda a parte erguido. E vós, genios desses calamitosos tempos, que ainda nos fallaes lá dos sepulcros, calai-vos; fosteis com a infalivel = *Politica Exacta.* = que adorna os Sabios, illuminados, e portentosos politicarrões deste fecundo seculo. Todas as vossas ideas, toda essa falsa sabedoria que apregoão vossos admiradores, não equivalle ao mais reles chapeleiro destes ditosos tempos, que de huma tizoirada devida, equilibra os poderes, e lhes circunscribe huma orbita redonda como hum chapeo.

Fique pois certo o Senhor B. C. que o seu = *pois desfaçamo-nos delles*, = mais nos verificou a idea que sempre delle fise-mos desde que em Leiria esteve. . . . . Terminaremos com a sentença evangelica: *Dos pobres de espirito he o Reino do Ceo.*

==\*==

### *Quem o acreditará?*

O Parecer da Comissão especial encarregada de examinar os documentos que o Governo enviou ao Congresso, relativos a S. M. a Rainha de Portugal, he de tanta importancia, que não he possivel passa-lo em silencio quem não quer ser espectador mudo, e mui principalmente quem se propoz a advogar nobremente a justa causa de S. M.

A Comissão, pareceu não ter em vista em todo este negocio, se não fazer a Corte ao Governo, seguindo pontualmente a opinião delle, que não só louva, mas admira. Diz que tudo quanto os Ministros resolverão fora acertadissimo, prudentissimo, hum *non plus ultra* da humana sabedoria &c. Ora no fim de toda esta aprovação, e deste maximo elogio quem poderia esperar

que a conclusão do parecer fosse = *de que não pertencia ás attribuições das Cortes?* ! Pois a Comissão aprova a conducta do Governo, e diz que o cazo não lhe pertence?! Logo se elle lhe não pertencia, porque o não regeitou simplesmente, e para que dá por bem feito tudo o que o Governo praticou com S. M.? não está máo modo de regeitar hum negocio que diz não ser da sua competencia! a Comissão, não podia ter em vista quando deu aquelle parecer, se não authorisar o Governo para fazer quanto quizesse, e roubar a S. M. todo o recurso do Congresso.

Sim, não podia ser outra cousa; porque ratifica amplamente a sua conducta, e diz ao mesmo tempo que não compete ás Cortes!

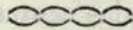
Agora perguntaremos nós á Comissão, então a quem compete? este caso, não se acha providenciado na Lei; S. M. deve ser condemnada, ou absolvida por Lei, logo ha de haver quem lha aplique. Seja o Judiciario, seja o Governo, ou seja o Congresso, ha de haver hum tribunal que julgue; e se se não sabe ainda qual deva ser; a quem compete o nomealo? nós estava-mos persuadido que ao Congresso; porém, á Comissão parece que nada tem com isso; e quer que a espoza seja julgada por seu proprio marido! oh! caspate, que justos principios de Direito! o sofisma de que S. M. não he julgada, mas só se lhe applica a Lei, he daquelles que fazem rir! pois sim senhores, convenio só para lhes agradar, mas apareça quem a aplique; porque de outra maneira, segundo a Comissão, he escusada haver hum poder judiciario, huma vez que o Governo tem a authoridade de applicar a Lei ao facto. Hum homem matou outro homem á vista de muitos, a Lei condemna o matador á morte, logo deve o Governo mandalo matar tãobem logo sobre o campo, sem outra forma de processo!!

Nós sempre vivemos persuadidos, de que o Rei, e por tanto a sua Esposa, que goza das mesmas prerogativas, se hum dia houvesse de ser julgado (a pezar de toda a sua inviolabilidade) só o seria pelo poder Legislativo, ou quando menos, por hum tribunal especial, por elle constituido. Mas agora conhecemos que vivia-mos em erro, em ignorancia; graças á Comissão, que nos abriu os olhos, e nos mostrou a luz; e então que luz! a da verdade exacta!

O *Post Scriptum* he hum dos melhores retalhos, em que a mais brilhante Logica, e apurada Dialectica hão sustentado toda a

sua força. Elle não pode deixar de ser huma das felices producções do sapientissimo Sr. Borges Carneiro. Aquella força de estilo, e de convicção he só d'elle; conhece-se á legoa. Com que poderozissimas razões não combate elle, e destroe, aquella anarchica, subversiva e anti-constitucional indicação do Deputado Neves! oh! aquillo, he que he convencer, e levar o golpe a raiz da doutrina! Aquelles epithetos, e qualificações de anarchico, subversivo &c. como encaixão alli com tanta propriedade! O orador Romano não brilhou tanto na sua oração *Pro-Metelo*! só o que se não pode combinar com o nosso máo gosto, he aquelle titulo de = *Post Scriptum*.

O Sr. B. C. ha-de perdoar, que nós somos muito pechote nestas cousas, e *maxime*, para analysar a sapiencia do sapientissimo Sr., mas, mas, ora nós sempre o dizemos... sim; cheira-nos assim á modo de huma carta,..... de huma carta..... Em fim, não nos sabemos explicar tecnicamente; mas admiramos, e convidamos todo o mundo para que admire conosco, entoando em louvor de tão sabio, prudentissimo, e conspicuo varão, o: *Laudate Dominum!*



## B R A Z I L.

Segundo as noticias recebidas por Inglaterra sabemos que o Brazil deu o ultimo passo para a sua independencia. Em quanto a nós, nenhuma admiração nos cauza, porque ha mais d'hum anno que anteviamos aquelle acontecimento, como effeito d'hum cauza que não podia deixar de o produzir. S. A. R. o Principe, foi recebido com geral aplauso em S. Paulo, aonde a cauza publica do Brazil o chamou, e na sua volta ao Rio appareceu ao habitantes daquella Capital, com o intrepido entusiasmo, que só o amor da liberdade pode inspirar no coração de hum Principe joven, mais disposto a sacrificar-se pela independencia de seu Povo, que por seus mesmos interesses.

Esta jornada de noventa e tantas legoas, foi feita por S. A. R. em sinco dias, o que vem a dar em perto de vinte legoas por dia. A' noute foi ao Theatro, onde recebeu os maiores aplausos, e inspirou o mais fogoso entusiasmo, pos este distico, que adornava seu braço: = Independencia, ou morte. = S. A. R. estava para publicar hum Manifesto ás Potencias Europeas, e

no dia de seu anniversario, 12 de Outubro, devia aclamar-se = Imperador Constitucional do Brazil. =

Esta resolução de S. A. R. vai chamar a atenção da Europa, que a não pode ver com indifferença. Ou as grandes Potencias hão de reconhecê-la, ou não. O systema de politica porque actualmente se regem, parece, não só confirmar a primeira hypothese, mas mesmo que ellas inspirarão aquelle successo. A Austria, não deixará de ser a primeira que o aprove, por circunstancias bem conhecidas.

Hum vantajoso tratado de Comercio com aquella vasta parte do Mundo, será de mais hum poderoso atractivo para não hesitar em reconhecer promptamente o novo Imperio; o que sendo assim, não hesitará igualmente em lhe prestar todos os socorros necessarios para a segurança, e progresso da causa. Esta Potencia, que se acha hoje estreitamente enlaçada ás mais fortes, por tratados, que ainda não virão a luz do dia, será perante ellas huma respeitavel protectora da Independencia Braziliica; e ellas não deixarão de convir nesta protecção, porque nada tem a recear; talvez antes alguma cousa a adquirir. He verdade que em todo o caso a politica lhes fará representar huma rigorosa neutralidade. Deverá também a Austria segui-la?

As suas relações para com o Brazil, como acabamo de expôr, são de consideração, e em nada encontrão a politica Europea, antes a favorecem. Os seus portos maritimos, como dos mais centraes da Europa, serão assaz analogos ao trafico do commercio braziliico, com a maior parte dos povos europeos. Hum só motivo não existe em politica, pelo qual as Nações da Europa deixem de reconhecer o novo Imperio.

Portugal neste tempo, acha-se na dura alternativa, ou de reconhecer a independencia do Brazil, ou de continuar a hostilisa-lo, como rebelde. No primeiro cazo, pode adquirir; no segundo perder. Nas actuaes circunstancias, em que todas as suas atenções se devem voltar sobre si proprio, que guerra vantajosa poderá sustentar no Brazil? Serão suas forças bastantes para levantar ao mesmo tempo exercitos de terra, e expedições de mar? Ninguem o poderá sustentar. Hum tratado, feito de boa fé, e cujos interesses fossem justamente equilibrados, seria o passo mais acertado, que Portugal actualmente poderia dar.

Elle hiria frustrar disignios, talvez já

formados por estranhos, para o mesmo fim; e o que a Austria e a Inglaterra podem adquirir, não o deve perder Portugal, só por sustentar hum caprixo, que apenas he desculpavel nas nações poderosas, mas de que ellas mesmas não hão colhido a final hum resultado prospero.

O novo imperio, vai pois sem duvida ser reconhecido por quem lhe mandará esquadras, petrechos e homens, no caso de ser ameaçado de perto. Se as hostilidades não cessarem, depressa veremos os fracos restos de nosso commercio, em preza á voracidade de fingidos corsarios brazili- cos, que uzarão da mesma tactica que uzarão com a Hespanha, e que ainda ás vezes estão praticando com nós mesmos.

Medite-se, e calcule-se sobre este importante objecto, que deve hoje merecer a mais seriedade da Corte Ordinaria; e não se continue hum systema, de que já infelizmente se estão conhecendo todos os defeitos.

(O Trombeteiro)



*Armonias da Trombeta, do alto da Torre das Necessidades.*

Legisladores! Esperanças da Patria, Freio dos Despotas, Terror dos Tyranos, Refugio dos oprimos! applicai vossos ouvidos, e sabereis o que vai por Lisboa; escutai . . . . ouvi aquelle confuzo tumulto de vozes! . . . . lá para baixo para a Cidade . . . . como se distinguem aquelles brados . . . . Tyrano . . . . Tyrano . . . . prevaricador! . . . . põem-te fóra! . . . . não oprimas, nem insultes mais o Povo . . . . Pois sabeis, Legisladores, contra quem se dirige todo aquelle alvoroço? he contra o Ministro da Justiça, que ateima em calcar os vossos Constituintes, e aquillo que estaes

ouvindo, he ha trez mezes o seu *panem quotidianum*; e ouvidos de surdo! vergonha de cão! quer por força governar, tyranisar, insultar, prevaricar, e não desiste nem a páo.

Legisladores! mandai-o chamar, e tomai-lhe contas, mas que não sejam de grão cavalleiro, que elle disse não tem nada; vede que os vossos antecessores, de gloriosissima memoria, huns o quizerão desembuçar, outros o embuçarão mais. Se chegaes a tirar-lhe o capote do vulto, vereis que hedionda figura aparece por baixo! que aleijões! que bustelas! que mataduras! he contas feitas, e enchotalo logo para a rua, se não quizerdes respirar o putrido ar, que exala aquelle maselento espectro. Vós ainda não ouvisteis nada; vereis ao tomar das contas, como eu cá da parte de fora forneço parcelas ao rol, e lhe toco huma sonata, que o ha-de fazer mij . . . pelos calções. Ah! se eu pudesse entoar este rouco som: O' Zé, anda a Juízo! como não ficaria convulso aquelle *cadaver*! que pulos e guinchos não daria a matilha dos grutescos!! se não fosse o respeito, ó Legisladores, que Vos he devido, eu já daqui lhe aturdia aquelles ouvidos; mas fico tomando folgo para o dia das contas! *Dies ille dies ire!!*

AVIZO ESSENCIAL.

O Redactor da Trombeta, participa a seus Concidadãos, que hum bando de sceleratos, comprado por huma facção indigna, o anda provocando por toda a parte de Lisboa. Porém, superior a esta facciosa traição, desde já declara o Red. que cada vez marchará mais ousado pela estrada da honra, e repelirá qualquer força arbitraria, com outra força, se a isso o obrigarem.